

A FORMAÇÃO DE ENÓLOGOS NA SERRA GAÚCHA (1959-1995): diálogos entre fotografias e cultura escolar

Caroline Cataneo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

caroline.cataneo@ifrs.edu.br

RESUMO

A região da serra gaúcha é a principal região produtora de uvas e vinhos no Brasil. No ano de 1959, e a partir de demandas da sociedade, especialmente vindas do setor empresarial da região, é implantada a Escola de Viticultura e Enologia, atual IFRS Campus Bento Gonçalves com vistas a formar grupo profissional até então inédito no país: a do Técnico em Viticultura e Enologia. A pesquisa tem por objetivo tecer uma análise acerca do processo de escolarização profissional dos enólogos a partir da noção de cultura escolar preconizada por Julia (2001). Os documentos mobilizados neste trabalho são predominantemente as fotografias escolares do período (1959-1995) a serem analisadas a partir da análise documental histórica, ancorada nos pressupostos de Cellard (2012). Além disso, objetiva refletir acerca das relações entre fotografia e história da educação profissional, a partir das pontuações de Burke (2004), Ciavatta (2002, 2012) e Kossoy (2014). A partir da análise das fotografias é possível identificar alguns aspectos que conformaram a cultura escolar da instituição, em consonância, muitas vezes, com as diretrizes para o ensino profissional agrícola no período, baseado em uma pedagogia altamente tecnicista. Observa-se ainda o predomínio de fotografias que representam atividades práticas laborais, a pouca presença feminina no curso, além das representações regionais como a presença da igreja católica nas atividades institucionais. As mudanças ocorridas na instituição e no curso também são possíveis de serem observadas nas fotografias, pois como salienta Magalhães (2004, p. 155), “nada na vida de uma instituição escolar acontece, ou aconteceu por acaso, tanto o que se perdeu ou transformou, como aquilo que permaneceu”.

Palavras-chave: História da Educação Profissional. Fotografias escolares. Viticultura e Enologia.

Introdução

A região da serra gaúcha é, atualmente, a principal região produtora de uvas e vinhos no Brasil. O cultivo de videiras no Brasil remonta à chegada dos colonizadores portugueses ao país. No estado do Rio Grande do Sul, a cultura de uvas e a produção de vinhos se intensificaram com a chegada da imigração italiana na região, na segunda metade do século XIX, embora já existissem experiências de produção de cultivares da fruta desde a época jesuítica¹ no estado do Rio Grande do Sul.

Em Bento Gonçalves, cidade da região conhecida como a “capital brasileira da uva e do vinho”, a partir do início do século XX, emergiram diversas empresas familiares e cooperativas que reuniam os diversos produtores familiares da região. Em 1941 é implantada a Estação de Enologia de Bento Gonçalves, considerada a gênese da instituição lócus desta pesquisa: A Escola de Viticultura e Enologia, atual IFRS Campus Bento Gonçalves implantada no ano de 1959 com vistas a formar uma profissão até então inédita no país: a do Técnico em Enologia.

Para Julia (2001, p. 10), a cultura escolar pode ser definida como as “normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Nessa direção, o trabalho visa analisar aspectos da cultura escolar presentes nas fotografias escolares do curso técnico de viticultura e enologia no período de 1959 a 1995. A temporalidade de estudo foi escolhida com base no período em que o curso técnico em enologia foi a única modalidade de formação profissional no enólogo (após esse ano, em um processo de verticalização) foi implantado também o Curso Superior de Tecnologia em Viticultura e Enologia.

A Serra Gaúcha e a produção de uvas e vinhos: a gênese da profissão de enólogo

Por volta do ano de 1875 chegam à região da serra gaúcha um significativo contingente de imigrantes italianos que saem da Europa, de acordo com Caprara e Luchese (2005) por problemas políticos, econômicos e sociais, reflexos da expansão do capitalismo e da Revolução Industrial que fizeram emergir ali um grande contingente de desempregados. Além disso, a

¹ De acordo com Manfroi et al (2022) os primeiros relatos de produção de videiras no atual território do Rio Grande do Sul ocorreram no noroeste do estado, introduzidas pelo padre jesuíta Roque González de Santa Cruz, em 1926. A segunda fase da entrada de videiras da província aconteceu a partir de 1732, quando imigrantes açorianos e portugueses se instalaram próximos à costa e ao litoral. Por fim, a terceira e mais profícua leva de videiras chegou ao estado por volta de 1824, trazidas por imigrantes alemães que se fixaram na região próxima a Porto Alegre, no vale do rio dos Sinos. Contudo, as videiras passaram a ter valor econômico na região após a chegada da imigração italiana na região da serra gaúcha, a partir de 1875.

efetivação do processo de imigração europeia no Brasil ocorreu também devido a fatores internos nacionais como a substituição da mão-de-obra escrava pela branca, oriunda da extinção do tráfico negreiro e das teses racistas que dominavam o período, fomentando assim o “branqueamento” do Brasil a partir da vinda de imigrantes europeus para o país.

É possível perceber que num jogo de interesses entre o Brasil e a Itália, tivemos, a partir de 1875, um número crescente de imigrantes que se deslocaram e se estabeleceram nas colônias da Encosta Superior Nordeste do Rio Grande do Sul. Embora enfrentando dificuldades desfavoráveis, estes colonos foram inúmeras vezes beneficiados. Criaram-se leis e na medida em que o orçamento provincial e, posteriormente, imperial permitiram, estas foram colocadas em prática (CAPRARA; LUCHESE, 2005, p. 25).

A partir do estabelecimento dos colonos italianos na região há o início das atividades de plantio de cultivares da *vitis vinifera* na região. Conforme mencionam Manfroi et al (2022), a partir de 1885 já existia um processo de comercialização consolidado entre a região serrana e a capital do estado. A partir disso, as casas desses imigrantes passaram a ser construídas com um porão, chamado de “*la cantina*” onde os vinhos eram produzidos. Até hoje, de acordo com os mesmos autores, é comum referir-se às vinícolas pelo nome de cantina.

As primeiras empresas familiares e cooperativas vinícolas da região datam do início do século XX, sendo que algumas delas existem até os dias atuais. A partir da década de 1920 ocorre a vinda de técnicos - enólogos e agrônomos - especialmente da Itália para desenvolver atividades nas vinícolas da região, já que no país não existia ainda a formação de enólogos.

[...] a necessidade de formação de técnicos especializados na área de vitivinicultura, assim como a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico foram fatores que estimularam, desde o final do século XIX, a criação de instituições públicas e privadas de ensino e pesquisa. [...] Verifica-se, contudo, que há um tempo entre a criação de uma instituição de ensino e pesquisa e seus efeitos sobre a realidade regional (FACALDE, 2011, p. 93).

De acordo com Facalde (2011), dentre os marcos da presença da viticultura e enologia nos currículos de formação profissional no estado do Rio Grande do Sul está, em 1890, a presença da disciplina no curso de Agronomia e Veterinária, no Liceu Riograndense de Pelotas. Na serra gaúcha, foi instalada, em 1921 a Estação Experimental de Viticultura e Enologia. Já em 1941, na cidade de Bento Gonçalves, se dá a implantação da Estação Experimental de Enologia, instituição que pode ser considerada a gênese da Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves.

O colégio de viticultura e enologia: vanguarda na educação profissional (1959-1995)

Em relação à profissionalização desses trabalhadores, é possível inferir, a partir de documentos da imprensa local, que já existiam, antes da implantação da escola na cidade de Bento Gonçalves, iniciativas pontuais para a formação desses trabalhadores, em especial a partir da oferta de cursos rápidos para agricultores da região. Esses cursos rápidos fornecem pistas do que viria a ser o futuro processo de formação de enólogos. Uma dessas iniciativas é o curso de poda e enxertia ofertado pela Estação Experimental de Viticultura e Enologia de Caxias do Sul, em agosto de 1957, conforme na Figura 01.

Esses cursos eram voltados para a formação aligeirada, conforme exemplo da Figura 01, na formação sobre enxertia, com duração de dez dias. Os ministrantes eram técnicos da Estação Experimental da cidade e os alunos eram agricultores, todos homens. Nessa direção, é possível recorrer ao que coloca Ciavatta (2014, p. 52) ao comentar a proposta de formação profissional aligeirada para os filhos de trabalhadores: “a educação profissional tem sido utilizada como estratégia de hegemonia política da educação, convencendo-se os próprios trabalhadores de que a formação dos seus filhos é melhor do que eles estarem na rua. Defendemos que não se reduza a essa condição.”

Figura 1: Curso de enxertia (Caxias do Sul/RS – agosto/1957)

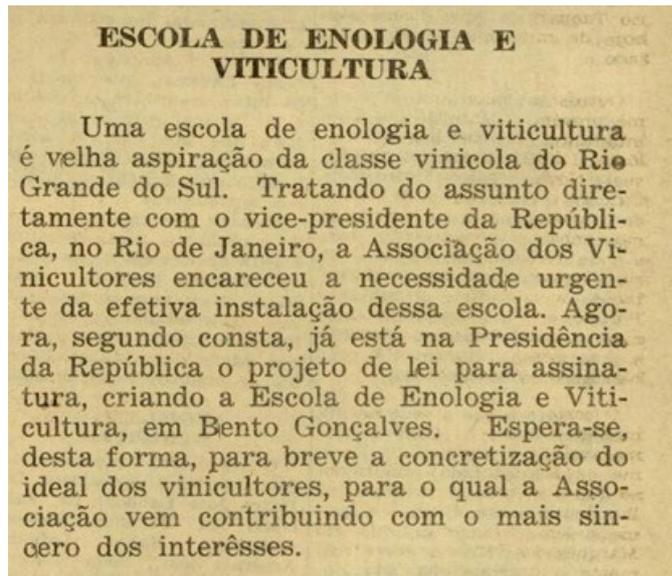


Fonte: Jornal “O Pioneiro” – 24 de agosto de 1957

Contudo, as formações aligeiradas não davam conta da complexidade que o setor vitivinícola demandava naquele período. Assim, se intensificaram as tratativas para a

implantação de uma escola de formação de viticultores e enólogos. Em matéria que circulou no mesmo jornal, em 18 de setembro de 1958, um ano antes da implantação da escola, já se mencionava a necessidade e a organização das associações dos viticultores que, em ida ao Rio de Janeiro, apresentaram a demanda ao vice-presidente da república. A análise do contexto de formação de uma instituição educativa é essencial, conforme aponta Werle (2004, p. 32), pois é “impossível falar de história das instituições educativas sem situá-las na região que estão inseridas, e ante a outras escolas, situá-las no contexto socioeconômico da época.”

Figura 2: Implantação da escola (Caxias do Sul/RS – setembro de 1958)



Fonte: (Jornal” O Pioneiro”, 13 de setembro de 1958).

É assim que, no ano de 1959, por meio da Lei nº 3.646, de 22 de outubro de 1959 (BRASIL, 1959), vinculada ao Ministério da Agricultura e subordinada ao Instituto de Fermentação, do Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas, é criada a Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves, primeira das diversas denominações que a instituição iria ter no decorrer de sua história. Seu funcionamento se daria no espaço territorial da Estação de Enologia de Bento Gonçalves, ofertando o curso técnico na área com duração de três 90 anos, dentro do escopo de formação do 2º Ciclo de Ensino Agrícola, conforme previsto no Decreto-lei nº 9.613/1946 (BRASIL, 1946).

Art. 1º É criada, no Ministério da Agricultura, a Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves, no Estado do Rio Grande do Sul, subordinada ao Instituto de Fermentação, do Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas, do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas.

Art. 2º A Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves terá sede na área territorial da Estação de Enologia de Bento Gonçalves, funcionando ambas as instituições em perfeita articulação, de forma a atender aos interesses do ensino e da pesquisa vitivinícola.

Art. 3º A Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves manterá os seguintes cursos:

- a) curso técnico de viticultura e enologia, de grau médio;
- b) cursos de aperfeiçoamento de um ou mais assuntos de viticultura e enologia, destinados a técnicos de nível médio;
- c) cursos avulsos para viticultores e vinicultores;
- d) cursos de treinamento e estágios para trabalhadores rurais e cantineiros (BRASIL, 1959, grifo da autora).

Em 13 de fevereiro de 1964 foi publicado o Decreto nº 53.558/64, o qual alterou a denominação de todas as escolas agrícolas para colégios (BRASIL, 1964). A partir disso, a escola passou a denominar-se Colégio de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves. Em 4 de setembro de 1979, por meio do Decreto nº 83.935 (BRASIL, 1979), passa a ser denominada Escola Agrotécnica Federal de Bento Gonçalves; em 1985, Escola Agrotécnica Federal Presidente Juscelino Kubitschek; em 2002, já com cursos superiores em andamento, passa a ser o Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves (Cefet-BG); e em 2008, pela Lei nº 11.892/08 (BRASIL, 2008), um dos campi formadores do IFRS.

Durante os dezesseis primeiros anos de atuação, a escola dedicou-se somente à formação de enólogos. Mais tarde, quando já vinculada ao Ministério da Educação e à Coordenação Nacional de Ensino Agropecuário (COAGRI), formava também Técnicos em Agricultura e Agropecuária. Contudo, o escopo deste trabalho se assenta somente na formação dos técnicos em Enologia. De acordo com o projeto de Lei nº 4307/1984, de iniciativa do Deputado Federal Paulo Mincarone, a escola era “à época de sua criação, como até hoje, a única no gênero no Brasil, e uma das duas únicas existentes na América do Sul.”

Após quase três décadas e de mais de quinhentos alunos formados até aquele momento, iniciou-se as primeiras tratativas para a efetivação de um Curso Superior de Viticultura e Enologia, no ano de 1988. Em documentos localizados no setor do Núcleo de Memória da instituição, observou-se que foi um longo período de negociações com o Ministério da Educação para a efetiva implantação do curso, que viria a ocorrer somente no ano de 1994, após a publicação de um Decreto Presidencial de 26 de dezembro de 1994, autorizando o funcionamento do Curso Superior de Tecnologia em Viticultura e Enologia da Escola Agrotécnica Federal Presidente Juscelino Kubitschek, efetivando assim a verticalização do ensino, elemento que viria a se tornar basilar, posteriormente, quando da criação dos Institutos Federais, em 2008.

A formação em enologia em imagens: as fotografias escolares e o mundo do trabalho (1959-1995)

Este trabalho tem por objetivo a análise de fotografias escolares, oriundas do curso técnico em Viticultura e Enologia a fim de verificar quais as pistas da cultura escolar que essas imagens nos revelam. Para isso, a temporalidade escolhida por de 1959, data de início da escola, até o ano de 1995 quando ocorreu a verticalização do ensino, com a implantação do curso superior de Viticultura e Enologia na mesma instituição. No ano de 2002 a tradição na formação de enólogos se amplia com o curso de Mestrado em Viticultura e Enologia.

As fotografias fazem parte dos documentos que compõem a cultura material da escola. Devido à noção alargada de documento, é possível tecer análises acerca de seu contexto de produção, circulação e preservação. Nesse sentido, Cellard (2012, p. 296) afirma que “[...] a história social ampliou consideravelmente a noção de documento. De fato, tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou “fonte”, como é mais comum dizer atualmente.”

Mais do que documentos escritos, a memória preservada nas fotografias expressa mudança profunda na materialidade escolar, que acompanha, em cada época, a transformação dos processos produtivos impulsionados pelos objetivos de política educacional, pelo desenvolvimento científico e tecnológico e pela nova organização do trabalho (CIAVATTA, 2009, p. 40).

Ciavatta (2012, p. 35), em um de seus trabalhos relacionados ao tema, questiona: “Qual lugar social ocupa a memória? Em que sentido os documentos fotográficos educam, orientam o pensamento, os sentimentos e as ações?”. Que os documentos guardam memória e auxiliam a contar a história de um tempo é incontestável. Mas em que medida eles podem auxiliar no processo educativo? Eles próprios contêm uma função educativa? Uma história e uma historicidade em si mesmos? Como ir além do visível ao analisar imagens? Em que medida elas ajudam a expressar aspectos da cultura escolar?

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram a sua existência: [...] a intenção para que ela existisse, [...] o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia e os caminhos percorridos por ela: as vicissitudes por que ela passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou [...] (KOSSOY, 2014, p. 48-49).

A instituição possui um considerável acervo fotográfico. As imagens estão separadas em álbuns com algumas identificações das atividades ali presentes e datação. Contudo,

fotografias dos primeiros anos de formação da escola, na década de 1960, são praticamente nulas. Há poucos documentos relacionados ao período nos acervos escolares. O que existem são fotografias de formaturas ou imagens dos prédios da instituição. Sobre as lacunas dos arquivos, Magalhães (2004, p. 151) aponta que:

Sede privilegiada de uma multiplicidade de ações, [...] e produto de um cotidiano reinventado, da instituição educativa, por vezes não resta mais do que um resíduo documental, irregularmente repartido no tempo, e pouco representativo do que se refere à riqueza da realização escolar e educativa.

Dessa forma, partindo da realidade do acervo que é lacunar quanto às fotografias, busca-se empreender um esforço no sentido que propõe Ginzburg (1989), ao analisar o paradigma indiciário nas pesquisas historiográficas. É necessário um exame dos pormenores aparentemente negligenciáveis a um primeiro olhar, buscando pistas e indícios mínimos contidos nos documentos.

Partindo de uma concepção alargada de documento, é possível inferir conforme aponta Cellard (2012) que a crítica do documento compreende cinco dimensões: *(i)* análise do contexto; *(ii)* do autor ou dos autores; *(iii)* da autenticidade/confiabilidade do texto; *(iv)* da natureza do texto e, por fim *(v)* análise da lógica interna do texto.

Para isso, serão analisadas quatro fotografias, uma de cada década, a fim de efetivar uma análise crítica do documento, buscando estabelecer relações com o texto de produção e a cultura escolar hodierna.

Figura 3: Formatura da primeira turma do curso Técnico em Enologia (1962)



Fonte: Núcleo de Memória do IFRS (1962).

Na figura 03 é da formatura da primeira turma de Técnicos em Enologia, ingressantes em 1959 e concluintes no ano de 1962. A solenidade de formatura foi realizada no Cine Ipiranga, um dos mais renomados clubes da cidade à época. A solenidade contou, conforme livro de ata de formatura, com a presença de diversas autoridades, como representantes do Ministério da Agricultura à qual a escola estava vinculada, prefeito e autoridades locais.

Há apenas uma mulher dentre os formandos da primeira turma, fato que irá perdurar durante os primeiros anos de formação desses profissionais. Em incursões pelos registros escolares da instituição foi possível observar que a presença feminina, em especial nos primeiros anos da escola, era bastante tímida. De 1962, quando ocorreu a primeira formatura, até o ano de 1970, há apenas sete alunas matriculadas no curso de Vitivinicultura e Enologia. Na década seguinte (1970-1980) foram encontrados 14 registros de mulheres ingressantes no curso. Uma das hipóteses para essa baixa procura das moças pelo curso é o não oferecimento do internato a elas, conforme explicitava o próprio regulamento da escola:

Do Ensino Feminino

Art. 42 O direito de ingresso nos cursos da Escola é igual para homens e mulheres, sendo facultada a coeducação. Parágrafo único. Enquanto não houver instalações apropriadas e número suficiente de matrículas que justifiquem a manutenção do internato feminino, os alunos desse sexo só poderá ser matriculados em regime de externato ou semi-internato. Art. 43 Na execução dos programas e das práticas educativas para os alunos do sexo feminino levar-se-ão em conta as características do sexo não lhes sendo permitidos trabalhos inadequados (BRASIL, 1962)

A partir da década de 1970, particularmente após o ano de 1974, existe uma considerável documentação fotográfica nos acervos da instituição. A predominância nas imagens é de atividades práticas, ocorridas em campo, em laboratórios ou ainda em atividades de vinificação. De acordo com Souza (2001), na intenção de criar uma identidade institucional as escolas criam suas próprias tradições, seus símbolos e ritos.

Figura 4: Alunos em atividade prática (1977).



Fonte: Núcleo de Memória do IFRS (1977).

Na Figura 04, com datação de 1977, mostra uma aluna e um aluno em atividades práticas com as videiras. As imagens, em preto e branco, presentes em um álbum com inscrição “institucional”, com diversas fotografias que apresentam atividades práticas da formação dos enólogos. O contexto de produção, a guarda e a preservação desses documentos podem fornecer pistas da identidade que a instituição gostaria de perpetuar. Nessa direção, lembra Le Goff (2013, p. 497), que todo “documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”. O mesmo acontece com as fotografias escolares.

A essa imagem de si próprias que as instituições escolares gostariam de perpetuar, acrescenta-se o conceito de cultura escolar, que pode ser definida como o:

[...] conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

Julia (2001) lembra que não é possível analisar a cultura escolar nem tecer uma relação com o conjunto de relações que essa cultura é contemporânea, como a cultura política, popular ou mesmo religiosa. As relações da escola com a religião é um elemento bastante presente nas fotografias, em especial na década de 1980. Existem seções específicas nos álbuns com imagens de missas que aconteciam no interior do espaço educativo, em especial a do padroeiro da cidade, Santo Antônio.

Figura 5: Visita do padroeiro da cidade à escola (1982)



Fonte: Núcleo de Memória do IFRS (1982).

Na imagem é possível perceber, no espaço da escola, a imagem de Santo Antônio em missa realizada em maio de 1982 nas dependências da escola. Os alunos, em posição séria e empunhando outro símbolo religioso, as cruzes, participam da celebração. A região possui predominância católica, além disso, a relação do vinho com a igreja é um aspecto que pode ser enfatizado:

A relação entre a Igreja Católica e a atividade vitivinícola, visto a necessidade do vinho para os serviços eucarísticos, é por demais conhecida também em outras partes do mundo, notadamente no Novo Mundo. Da necessidade de explorar novas regiões e fazer valer os valores da sua religião, a Igreja Católica foi pioneira em levar a uva e o vinho para diversos países, como Uruguai, Argentina, Chile, Estados Unidos, Austrália e outros (MANFROI et al, 2022, p. 146)

A religiosidade foi um aspecto marcante das fotografias da década de 1980 que foi, paulatinamente, dando lugar a outras atividades presentes nas fotografias escolares. A década de 1990, em função da popularização das câmeras fotográficas, é um dos períodos com mais álbuns fotográficos presentes nos acervos da escola. Além disso, a instituição, por meio da Lei No 8.731/1993 passou a se constituir em uma autarquia federal com autonomia administrativa, didática e disciplinar.

Figura 6: Banda marcial da escola (1991)



Fonte: Núcleo de Memória do IFRS (1991).

Uma característica marcante da cultura escolar da instituição na década de 1990 é a presença da banda marcial que manteve suas atividades de 1989 a 2001, e contava com alunos externos de outras instituições de ensino da cidade. A fotografia acima apresenta uma das apresentações na banda, em um desfile cívico em 07 de setembro de 1991.

Considerações finais

A análise de imagens, enquanto documentos para a história da educação, pode fornecer pistas para a compreensão dos câmbios pelos quais a cultura escolar passou durante esse período, assim como as marcas que a instituição quis deixar de si mesma através das fotografias escolares.

Percebe-se que, em relação à década de 1960, existem poucas fotografias no acervo da instituição. De 1970 em diante existem álbuns com a presença de datação e com atividades muito específicas como as missas que aconteciam no interior do espaço educativo na década de 1980. Atividades como a da banda marcial é predominante na década de 1990.

A partir dos indícios deixados pelas fotografias é possível chegar a fragmentos de um passado fixado pelas imagens. Quais os sujeitos da educação profissional são representados pelas imagens? Que tipo de modelo de educação profissional era praticado no período? Existiram mudanças na formação do técnico em enologia que podem emergir das imagens? São as algumas questões suscitadas pelo contato com esses documentos iconográficos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei N° 3.646, de 22 de outubro de 1959. **Cria a Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves, no Estado do Rio Grande do Sul, e dá outras providências.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, 23 de outubro de 1959.
- BRASIL. Decreto nº 538, de 23 de janeiro de 1962. **Aprova o Regulamento da Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves.** Brasília: 1962.
- CAPRARA, Bernardete Schiavo. LUCHESE, Terciane Ângela **Da colônia Dona Isabel ao município de Bento Gonçalves: 1875 a 1930.** Porto Alegre: CORAG, 2005.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean [et al]. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis, Vozes, 2008, p. 295-315.
- CIAVATTA, Maria. A cultura material escolar em trabalho e educação. A memória fotográfica de sua transformação. **Revista Educ. e Filos.**, v.23, n.46, p.37-72, jul./dez. 2009.
- CIAVATTA, Maria. A historicidade das reformas da educação profissional. **Cadernos de Pesquisa em Educação-PPGE/UFES, Vitória, ES.** a, v. 11, p. 50-64, 2014.
- CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p.33-45, abr. 2012.
- FACALDE, Ivanira. **A paisagem como representação espacial: a paisagem vitícola como símbolo das indicações de procedência de vinhos das regiões Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo (Brasil).** 2011. 310 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.
- MAGALHÃES Justino de. **Tecendo nexos.** História das instituições educativas. Editora Universitária São Francisco-EDUSF, 2004.
- MANFROI, V. et al. **A vitivinicultura na Serra Gaúcha e em Bento Gonçalves. 2022. providências.** Ministério da Educação, 2002.
- WERLE, F. O. C. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. (Orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação.** Campinas, SP: Autores Associados. 2004. p. 13-36. (Coleção Memória da Educação).
- SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em Revista**, p. 75-101, 2001.